

Antifeminismo como identidade política: o caso da deputada Chris Tonietto

Antifeminism as a political identity: the case of congresswoman Chris Tonietto

Luis Felipe Miguel^a, Alana Fontenelle^b

Resumo O artigo discute a relevância da pauta de gênero na agitação política da extrema-direita no Brasil, abordando a reação virulenta contra os avanços dos movimentos feminista e LGBT+. A “desordem de gênero” é tema central da agenda da direita radical que se unificou sob a liderança de Jair Bolsonaro, ao lado de corrupção, punitivismo penal, liberação do porte de armas, negacionismo climático e outros. Para parte dela, gênero é a pauta dominante – como no caso da deputada Chris Tonietto (PL-RJ), ligada ao ultraconservadorismo católico. A análise de sua conta no Instagram mostra o predomínio de uma agenda antifeminista, em particular do combate ao direito ao aborto. Tonietto não apenas reage nos momentos em que a questão surge na agenda pública como pauta ativamente o tema e investe em conteúdos destinados a formar uma militância contrária aos direitos das mulheres. É um uso do mandato parlamentar com o objetivo, não exclusivo, mas importante, de instruir ideologicamente sua base. Trata-se de uma característica de parte da nova extrema-direita, aquela que apresenta Gramsci como arqui-inimigo, mas que absorveu suas lições sobre a necessidade de conquistar a hegemonia – e como a disputa por valores e por representações do mundo social é central nesse processo.

Palavras-chave Antifeminismo. Questões de gênero. Extrema-direita. Redes sociais. Comportamento parlamentar.

Abstract *The article discusses the relevance of gender issues in the political agitation of the extreme right in Brazil, addressing the virulent reaction against the advances of the feminist and LGBT+ movements. “Gender disorder” is a central theme in the agenda of a radical right that has unified under the leadership of Jair Bolsonaro, alongside corruption, criminal punitivism, gun ownership, climate denialism and others. For some of them, gender is the dominant issue – as in the case of ultraconservative Catholic congresswoman Chris Tonietto (PL-RJ). Analysis of her Instagram account shows the predominance of an anti-feminist agenda, in particular the fight against the right to*

a Universidade de Brasília. E-mail: luisfelipemiguel@gmail.com

b Universidade Federal do Ceará. E-mail: fontenelle.alana@gmail.com

abortion. Tonietto not only reacts when the issue appears on the public agenda, but also actively addresses the issue and invests in content aimed at forming activism against women's rights. It is a use of the parliamentary mandate with the objective, not exclusive, but important, of ideologically instructing. This is a characteristic of part of the new extreme right, one that presents Antonio Gramsci as its arch-enemy, but which has absorbed his lessons about the need to conquer hegemony – and how the dispute over values and representations of the social world is central to this process.

Keywords *Antifeminism. Gender issues. Far right. Social media. Parliamentary behavior*

A pauta de gênero tem se mostrado primordial na agitação política da extrema-direita no Brasil (e não só). Os avanços obtidos pelos movimentos feminista e LGBTQ+, tanto reais quanto imaginados, levaram a uma reação virulenta, que apresenta as mudanças na condição das mulheres e o maior respeito à diversidade sexual como sintomas de uma crise moral que potencialmente destruiria a civilização. As ideias gêmeas de “ideologia de gênero” e de “marxismo cultural”, tão difundidas nos circuitos ideológicos da extrema-direita, sinalizam este cenário.

No Brasil, a liderança de Jair Bolsonaro foi capaz de amalgamar os diferentes setores da extrema-direita, de saudosos da ditadura militar a fundamentalistas cristãos, de defensores radicais do livre mercado a paranoicos preocupados com a pauta de costumes (cf. Miguel, 2022, pp. 237-8). Assim, a preocupação com a “desordem de gênero” tornou-se uma temática, entre outras, numa ampla agenda unificada da extrema-direita brasileira, ao lado da corrupção, do punitivismo penal, da defesa da liberação do porte de armas, do negacionismo climático, da defesa do direito de difundir desinformação, da redução do Estado, do combate às políticas públicas compensatórias e reparadoras, do fantasma do socialismo e do comunismo etc. Cada tema certamente sensibiliza de forma especial alguma parcela do público (cf. Cesarino, 2022), mas estão juntos no pacote que é o discurso da nova extrema-direita, por vezes chamada, para diferenciá-la do antigo conservadorismo, de *alt-right*, direita alternativa – corrente que, no Brasil, corresponde ao bolsonarismo.

Não é de hoje que um discurso antifeminista se apresenta na esfera pública – entendendo por “antifeminismo” a oposição à igualdade de gênero e à emancipação das mulheres (Blais e Dupuis-Déri, 2012). Há mais de 30 anos, a jornalista Susan Faludi analisou uma pujante indústria editorial que diagnosticava um “mal estar” das mulheres e o atribuía à desestabilização dos papéis tradicionais de gênero pelo feminismo (Faludi, 1991). A percepção dominante, nos estudos, é ligado à ideia de *backlash*: uma reação às vitórias obtidas pelas mulheres e também por outros

grupos, como os movimentos negros e LGBTQ+ (cf. Mansbridge e Shames, 2008). É discutível, porém, se este relato é suficiente para explicar o fenômeno – e se ele não leva, por vezes, a um sobredimensionamento triunfalista da vitória cultural que teria sido obtida pelo pensamento mais progressista¹.

Uma vertente que se pode chamar de “pós-feminista” julga que os avanços da condição feminina obtidos nas últimas décadas já foram suficientes e que a continuidade da mobilização feminista é nociva, seja por alimentar conflitos, seja por pressionar as mulheres a adotar papéis e atitudes que muitas não desejam. Já o antifeminismo propriamente dito se apegua a uma visão mais tradicionalista e prega abertamente a reversão das conquistas feministas e o retorno aos padrões mais convencionais da sociedade patriarcal. Como será visto neste texto, as duas abordagens por vezes se alternam nos mesmos discursos, o que se explica, ao menos em parte, pela multiplicidade de públicos que devem ser alcançados. Muitas vezes, são mulheres as porta-vozes do antifeminismo, a fim de ampliar sua credibilidade (cf. Mudde, 2019).

Em paralelo e para além do *backlash*, ocorre uma mobilização de valores morais arraigados, sobretudo de caráter religioso, pelo encontro entre uma percepção (menos ou mais real) de ameaça a estes valores e o reconhecimento, por parte de grupos políticos, de que há aí um filão a ser explorado (Himmelstein, 1986; Kalm e Meeuwisse, 2023). As mudanças no ambiente do debate público, propiciadas pelas novas tecnologias da comunicação, levaram a novas formas de difusão do discurso antifeminista, seja por homens, como nos canais *incel* e *red pill* (Lindsay, 2022), seja por mulheres que se apresentam como defensoras da “volta ao lar”, como as chamadas *tradwives*. Assim, ecoando esses valores tradicionais e adaptando-os à linguagem da política em tempos de plataformas sociodigitais, a nova extrema-direita incorpora o antifeminismo em seu discurso, formulando o que Sanders e Jenkins (2022) chamam de “populismo patriarcal”.

Ao mesmo tempo (e paradoxalmente), a extrema-direita pode incorporar em seu discurso a defesa dos direitos das mulheres ou da população LGBTQ+, em particular como parte da campanha contra os imigrantes muçulmanos na Europa (Ansari e Hafez, 2012; Mudde, 2019). O contexto brasileiro é diverso, mas esse tipo de abordagem ganhou espaço entre parlamentares e influenciadores bolsonaristas a partir do momento em que a defesa de Israel se tornou uma prioridade para eles

1 Falando sobre o caso argentino, Pablo Semán (2023, pp. 37-8) questiona se a presença tão visível de progressistas na educação, na cultura e no Estado não foi “menos uma produção hegemônica que a oficialização do ponto de vista de grupos militantes”, refletindo uma confusão entre essa oficialização e a real “modificação das relações de força simbólicas”.

(isto é, depois da intensificação do massacre israelense contra o povo palestino, em resposta à operação do Hamas em 7 de outubro de 2023). O registro é necessário para ressaltar que, entre o compromisso doutrinário e o discurso público há uma etapa intermediária – que é a oportunidade política.

O avanço da extrema-direita brasileira, que ganhou as eleições presidenciais em 2018, trouxe à primeira fila da política brasileira um grande número de mulheres. Os dois maiores saltos na presença feminina na Câmara dos Deputados ocorreram nesse período – foram 27 novas cadeiras conquistadas em 2018 e outras 14 em 2022. Apenas como comparação, nas cinco eleições anteriores, o que corresponde ao período de vigência das cotas eleitorais por sexo, a evolução total das mulheres na Câmara alcançou apenas 18 cadeiras. Muitas das novas mulheres na política, inclusive algumas das que obtiveram maior destaque, vieram dos quadros do bolsonarismo: Bia Kicis, Carla Zambelli, Carol de Toni, Chris Tonietto, Damares Alves, Janaína Paschoal, Joice Hasselmann, Julia Zanatta, Selma Arruda², entre muitas outras. Há aí um paradoxo entre discurso e prática: “Se a mulher deve permanecer confinada ao lar, como explicar a posição que elas ocupam na esfera pública?” (Miguel, 2021, p. 8).

A reação contra os avanços dos movimentos feminista e LGBT+, com a naturalização dos papéis tradicionais de gênero, das hierarquias associadas a eles e da família convencional, está presente em todas essas mulheres, bem como nos políticos homens vinculados à extrema-direita. Três delas, porém, se destacam pela maneira como fazem do antifeminismo o eixo central de sua ação política. Uma é Ana Campagnolo, eleita (em 2018) e reeleita (em 2022) deputada estadual em Santa Catarina. Outra é Damares Alves, que foi ministra da Família do governo Bolsonaro e, em 2022, elegeu-se senadora pelo Distrito Federal. A terceira é Chris Tonietto, deputada federal pelo Rio de Janeiro.

Jovem advogada (formada em 2016), Tonietto é vinculada ao setor mais conservador da Igreja Católica e faz questão de afirmar permanentemente sua filiação religiosa. O logotipo que usa em algumas de suas postagens nas redes sociais une a bandeira do Brasil, símbolo reivindicado pela direita e em particular pelo bolsonarismo, a um crucifixo (Figura 1). Ela se notabilizou por ter processado o grupo de humor Porta dos Fundos, em 2017, por julgar que um de seus vídeos ofendia suas crenças religiosas. No ano seguinte, filiada ao Partido Social Liberal,

2 Paschoal manteve uma relação ambígua com o bolsonarismo, aproximando-se e afastando-se conforme as circunstâncias. Hasselmann passou de apoiadora leal a opositora feroz. Mas ambas devem suas eleições consagradoras, em 2018, à vinculação íntima com a candidatura presidencial de Bolsonaro. Em 2022, sem o apoio de Bolsonaro, ambas foram mal sucedidas nas eleições.

então o partido de Bolsonaro, elegeu-se deputada federal, com 38.525 votos. Em 2022, já na condição de mãe (teve um filho em meio ao mandato e estava grávida do segundo) e filiada ao novo partido de Bolsonaro, o Partido Liberal, reelegeu-se com 52.583 votos.



Figura 1. Logotipo de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), captura em 18 ago. 2023.

Este artigo analisa como Tonietto constrói, em sua página no Instagram, uma *persona* política que tem o antifeminismo como elemento central. As redes sociais online possibilitaram aos agentes políticos certa autonomia em relação às grandes mídias tradicionais, além de diminuir o custo da visibilidade, principalmente para agentes políticos periféricos. Elas proporcionam, ao menos em potencial, maior autonomia sobre a construção de sua própria agenda e imagem, além do acesso direto a parte do eleitorado.

Segundo dados do relatório da *We Are Social*, de 2022, o Instagram já é a terceira rede social mais utilizada do Brasil, atrás somente do Facebook e do Youtube³. Vale ressaltar que ele é, entre as redes sociais mais populares, a mais recente, e passou a ter relevância política maior só a partir das eleições de 2016. Ainda assim, consolidou-se no mercado político como peça fundamental para a estratégia de humanização e aproximação com eleitor, para a qual é bem situada devido à sua ênfase no aspecto visual. Justamente por isso, é um espaço fértil para construção de imagem a longo prazo.

A primeira seção do artigo apresenta Tonietto como agente política vinculada a um projeto ideológico, cuja base está no setor mais conservador da Igreja Católica e cuja exposição pública, no Brasil dos últimos anos, se liga à figura do falecido influenciador digital Olavo de Carvalho. A segunda seção analisa sua presença no Instagram, observando que ela desenvolve um coerente trabalho de proselitismo antifeminista. A breve conclusão discute como a agenda de gênero se tornou estruturante para parte significativa da extrema-direita no Brasil.

³ Disponível em <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-april-global-statshot-report-apr-2022-v01>

UM PROJETO POLÍTICO-IDEOLÓGICO

Em agosto de 2023, Chris Tonietto tinha 176 mil seguidores no Instagram. É um número expressivo, mas bem inferior ao de estrelas da extrema-direita brasileira, como Carla Zambelli (3,2 milhões de seguidores), Sérgio Moro (3 milhões de seguidores). Magno Malta (1,8 milhão de seguidores), Bia Kicis (1,7 milhão de seguidores), Mário Frias (1,7 milhão de seguidores), Kim Kataguiri (1,1 milhão de seguidores) ou Janaína Paschoal (844 mil seguidores) – isso sem mencionar a família Bolsonaro. A Figura 2 reproduz a “biografia” de Tonietto no Instagram, no período da eleição. Em agosto de 2023, o texto era o mesmo, com supressão das referências à candidatura, entre elas o número de urna, e o acréscimo das palavras “Ora et labora” (reza e trabalha), ao lado do emoji de mãos postas.



Figura 2. Biografia na página do Instagram de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), captura em 8 set. 2022.

Profissão, filiação religiosa e papéis familiares definem a candidata. Seguem-se quatro bandeiras políticas, sendo as duas primeiras (“pró-vida” e “pró-família”) indicadoras da prioridade dada ao antifeminismo. As outras duas, significativamente enunciadas como *oposição* (“contra”), são bandeiras gerais do bolsonarismo, de certa maneira contraditórias entre si, já que foi o ativismo judicial, na forma da Operação Lava Jato, que gerou a onda anticorrupção na qual a extrema-direita brasileira surfou.

Uma pesquisa exploratória feita com os perfis no Instagram de oito candidatas às eleições de 2022, de diferentes posições ideológicas, revelou que Tonietto adota uma postura mais “dura”, expondo relativamente pouco sua vida pessoal e preferindo conteúdos com caráter didático (Fontenelle, 2023). Ainda assim, não deixa de usar a maternidade como diferencial e como forma de aproximação e de humanização – afinal, era deputada, candidata à reeleição, mas também mãe

“como toda mulher”. Quando apresenta a vida pessoal, é exaltando sua adequação à posição mais convencional, de mãe dedicada, esposa submissa e dona de casa esforçada.

Mas a deputada não se limita a reforçar a compreensão tradicional sobre os papéis de gênero, o que teria talvez um alcance limitado nos dias atuais. Ela a une com uma o percepção pós-feminista, isto é, a ideia de toda a igualdade necessária entre mulheres e homens já foi alcançada e que a permanência da mobilização feminista, hoje, é não apenas irrelevante como danosa. Esse discurso pós-feminista sempre resvala para uma acomodação entre os novos espaços conquistados pelas mulheres e a reprodução dos estereótipos de gênero:

Pós-feminismo significa que agora você pode trabalhar fora de casa, até mesmo em empregos antes restritos aos homens, cursar uma pós-graduação, malhar, e abastecer seu próprio carro, contanto que você permaneça atenta à moda, em forma, cuidadosa, deferente aos homens e se torne uma mãe amorosa e abnegada (Douglas e Michaels, 2007, p. 635).

A permanência da ênfase na igualdade impediria que as mulheres, já “liberadas”, percebessem que sua felicidade se encontra na dedicação ao lar e à maternidade. Em suma, o pós-feminismo tem, como mecanismo ideológico principal, passar por escolha autônoma, livre de constrangimentos, das mulheres aquilo que até então era apresentado como imposição patriarcal.

Uma questão importante a ressaltar é que o pós-feminismo não necessariamente é antifeminista. É possível acreditar que as mulheres já alcançaram a igualdade com os homens e, portanto, o feminismo não seria mais necessário – mas que as lutas feministas foram, em seu tempo, parte deste processo. Tonietto, por outro lado, parte do princípio de que a desigualdade estrutural entre os sexos, que coloca as mulheres em condição inferior de oportunidades, não existe. Para a deputada, todos têm papéis diferentes, estipulados por Deus, mas com iguais oportunidades para todo resto. Ela reforça esse discurso em vários momentos, como numa postagem contra cotas eleitorais (Figura 3).



Figura 3. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 7 jul. 2022.

Na postagem, a deputada parte da ideia de que já alcançamos a igualdade entre homens e mulheres e que política é uma questão de “vocação”, não de gênero – ignorando, portanto, os mecanismos que operam no campo político e que servem como desestímulo objetivo para o ingresso de mulheres, assim como de outros integrantes de grupos subalternos, a despeito da igualdade consignada em lei. Ela assume a percepção, em si mesmo irrecusável, de que a decisão política é uma questão tanto de presença como de ideias, nos termos de Phillips (1995), isto é, você não escolhe seu representante apenas por compartilhar determinadas características com você (no caso, o gênero), mas também pelas bandeiras que defende (no caso, a posição sobre o aborto). Mas daí salta para a naturalização da ambição política, como uma “vocação” inteiramente desconectada dos padrões de socialização e das estruturas de oportunidades, que são influenciados por diversas desigualdades sociais, entre elas, com destaque, o gênero.

Este é um momento em que Tonietto não nega as conquistas do feminismo. Fica implícito que, em princípio, a “vocação” para a política pode surgir tanto em homens quanto em mulheres. Mas a conquista dos direitos políticos formais (o sufrágio feminino) já é suficiente e qualquer esforço extra é desnecessário e mesmo danoso. Assim, uma abordagem “pós-feminista” acena de dentro de um enquadramento que é massivamente antifeminista – certamente porque o recuo para uma posição contrária à igualdade política seria tanto inaceitável para o público quanto contraditório com a posição de deputada.

Um ataque mais explícito ao feminismo pode ser visto na Figura 4. Trata-se de um conteúdo típico das redes sociais de Tonietto, em que ela usa o “carrossel” – formato do Instagram que permite apresentar uma sequência de até 10 imagens (ou *cards*) – para promover um conteúdo de caráter fortemente didático. No caso, explica a seus seguidores os problemas do feminismo, sempre apresentado como uma unidade, sem qualquer atenção à diversidade de suas correntes internas.



Figura 4. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 23 nov. 2021.

Os cinco motivos elencados são significativos. O primeiro diz respeito às diferenças “naturais” entre mulheres e homens, que a deputada atribui diretamente à vontade divina – são diferenças “planejadas por Deus em sua infinita sabedoria”. O segundo é que o feminismo é “um movimento gestado nos laboratórios ‘sócio-comportamentais’ por sociólogos que logo tratam de pulverizar” suas ideias para os militantes. O terceiro é a “forte influência marxista”, que levaria o feminismo a ver na família “uma reprodução em miniatura de uma suposta estrutura de opressão do ‘modo de produção’” capitalista. O quarto é que a “pseudo-liberdade” que o feminismo anuncia leva à prática do aborto, descrito como “eufemismo para homicídio intrauterino”. Por fim, ela identifica um grande crescimento atual do feminismo, “impulsionado por grandes potentados financeiros” que estariam interessados na “fragilização da instituição familiar”. No mesmo *card*, está explicado o porquê desta ofensiva contra a família: ela é a “autoridade intermediária entre o indivíduo e o poder estatal”. A referência implícita é a Montesquieu, que dizia,

já no século XVIII, que é a presença de “corpos intermediários” entre os súditos e o monarca que impede a tirania.

Mudde identifica dois modos no discurso antifeminista da direita: um “sexismo benevolente”, que apresenta as mulheres como frágeis e necessitadas de proteção masculina, e um “sexismo hostil”, que as vê como ameaçando os homens (como entre *incels* e *red pills*). A maior parte dos grupos extremistas apresentaria um misto dos dois modos, isto é, um “sexismo ambivalente” (Mudde, 2019, p. 151). Tonietto não se enquadra exatamente em nenhuma dessas categorias. Como a postagem deixa claro, sua tônica é a ameaça, mas não aos homens e sim à família, como registro próprio de um *sexismo vocalizado por mulheres*.

Na postagem, há uma espécie de mostruário de argumentos da extrema-direita: apelo religioso à vontade divina que estabelece uma ordem imutável; narrativa fantasiosa desprovida de qualquer evidência (sobre o laboratório sociológico); demonização do marxismo e da crítica ao capitalismo, vistos como inerentemente maléficos; salto argumentativo que leva à questão do aborto; e teoria conspiratória que remete implicitamente à ideia do conluio globalista entre “marxistas culturais” e multimilionários, ao estilo do falecido guru da extrema-direita brasileira, o *youtuber* e autointitulado filósofo Olavo de Carvalho. Não por acaso, Tonietto se dizia “fortemente influenciada pelos livros, aulas e artigos de Olavo de Carvalho” (Sempre Família, 2018).

O uso de argumentos abertamente religiosos para justificar um posicionamento político chama a atenção – e é recorrente em Tonietto. Outro exemplo é o vídeo com trecho de um discurso aparentemente proferido em uma igreja. A deputada alerta contra a “tentação” de julgar que “movimentos como feminista, abortista”, com ideologia “anticristã, completamente contrária à natureza humana que foi querida por Deus”, possam ter “algo a nos oferecer. A gente não precisa de mais nada. A gente já tem tudo!” (e nesse momento ela aponta para uma escultura de Cristo crucificado). A legenda da postagem reforça: “Não precisamos de nada que as ideologias possam querer nos ensinar! Em Cristo já temos toda a verdade e toda a sabedoria de que precisamos”⁴. É significativa a oposição entre “ideologias”, sempre progressistas, e a verdade revelada da religião. A ideia de que essa verdade basta, que Tonietto enuncia explicitamente, é o chavão do fundamentalismo religioso e do negacionismo científico.

4 O vídeo foi postado no perfil do Instagram de Chris Tonietto no dia 6 de maio de 2023. Está disponível em <https://www.instagram.com/p/Cr573uEALQP/> Acesso em 22 ago. 2023.

Uma pesquisa realizada na década de 2010, sobre o debate relativo ao direito ao aborto na Câmara dos Deputados, mostrou uma tendência de redução do apelo a justificativas religiosas, mesmo entre parlamentares vinculados a igrejas cristãs. A avaliação era que, pouco a pouco, ganhava terreno a percepção de que, num Estado laico, a legislação e as políticas públicas não podem ser ancoradas explicitamente em dogmas sectários (Miguel, Biroli e Mariano, 2017). Não é possível dizer se a diferença se refere ao meio (a pesquisa analisava pronunciamentos na tribuna, não postagens em redes sociais), ao clima político (o avanço da extrema-direita abriu o debate público brasileiro a posições que antes eram consideradas inadequadas ou mesmo inaceitáveis) ou se trata de uma peculiaridade de Tonietto. O fato é que ela não apenas reafirma sempre sua identidade como católica – por exemplo, durante a campanha eleitoral postava sempre uma homenagem ao “santo do dia” ou versículos da *Bíblia* – como não hesita em incorporar argumentos religiosos em suas tomadas de posição (Fontenelle, 2023).

Também chama a atenção a relativa complexidade da postagem contra o feminismo, a começar pela linguagem: “dignidade ontológica”, “movimento gestado em laboratórios sócio-comportamentais”, “projeto ou ideologia hostis”, “potentados financeiros”. Ela exige de seu público um esforço de compreensão, na contramão do esperado nas redes sociais (conteúdos simplificados, em termos acessíveis, que levam a uma identificação imediata). Não se trata de uma exceção; no perfil da deputada no Instagram são frequentes postagens assim.

Na Figura 5, é reproduzido um dos *cards* intermediários de outro carrossel de Tonietto. Publicado em 9 de março, dia seguinte ao Dia Internacional da Mulher, tinha o título “O feminismo é antifeminino” e elencava um conjunto de argumentos para explicar por que essa “ideologia hostil” tinha por característica “negar a própria natureza da mulher”. Da estrutura óssea e dos hormônios passava à capacidade de engravidar e amamentar, da qual seguia necessariamente uma “ligação afetiva” evidentemente única, “para o resto da vida”. Os *cards* seguintes apresentam uma conclusão parcial (“este é apenas um dos motivos que mostram o quanto o pensamento feminista é contrário à natureza da mulher”; ênfase acrescentada) e um convite: “Assista à aula completa no meu canal” no Youtube. Trata-se de algo muito presente em suas postagens, que prometem aprofundamento em outras redes – em geral os canais no Youtube e no Telegram.



Figura 5. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 9 mar. 2022.

Uma semana depois, outro carrossel, com programação visual similar e intitulado “O feminismo destrói a mulher”, denunciava a ligação entre o movimento feminista e o marxismo, a partir do clássico *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Friedrich Engels. A relação entre família patriarcal e capitalismo é ridicularizada, em frases contundentes e despreocupadas com maior embasamento, apelando para o senso comum, como na postagem de 9 de março (“a relação entre os membros de uma família tem pouco ou nada a ver com a lógica empresarial de uma indústria”). Ao final, novamente aparece o convite: “Assista à segunda aula no meu canal”.

Há, portanto, um esforço de *formação política*, por parte de Tonietto, que singulariza seu uso das redes em relação a outras candidatas (Fontenelle, 2023). Para a maioria delas, não importa qual a posição no espectro político, o Instagram serve para noticiar a agenda de compromissos, humanizar a imagem (apresentando cenas do cotidiano, junto à família) e “lacrar” – isto é, divulgar conteúdos produzidos para reforçar o engajamento de um público já predisposto a concordar, que não exigem esforço intelectual e transmitem de forma triunfalista a impressão de que não há necessidade de aprofundar qualquer debate sobre aquele tema. A lacração consiste em “uma figura [que] resume em algumas palavras um conteúdo impactante que aparentemente não encontra resposta divergente entre os interlocutores” (Bittencourt, 2021, p. 215). tomando a forma seja de deboche em relação ao oponente, seja de exaltação da própria posição.

As postagens de Tonietto mostram um esforço diverso. Ela organiza argumentos e incita seu público a “saber mais”; não espera apenas ganhar a adesão imediata e o eventual compartilhamento daquele conteúdo, mas também formar pessoas capazes de replicar por conta própria aquele tipo de discurso militante. De certa maneira, essa dicotomia entre “lacração” e “formação” evoca a clássica distinção, no marxismo revolucionário, entre a “agitação”, que visa difundir uma palavra de ordem para uma grande massa, e a propaganda, que oferece, para um grupo seletivo, um conjunto estruturado de ideias (Lênin, 1978). Para a estratégia revolucionária, segundo Lênin, seria necessário desenvolver tanto uma quanto outra. Já no contexto de uma disputa eleitoral de massa, é razoável imaginar que a agitação seja privilegiada, já que leva a resultados em curto prazo.

Os dois formatos não se excluem necessariamente, como mostra a Figura 6. É, novamente, um carrossel, que no primeiro *card* ridiculariza as feministas, representadas por uma mulher zangada e fora de controle, remetendo ao estereótipo da militante agressiva. O uso de “surtadas” é significativo, já que é próprio do discurso conservador ver as feministas como pouco razoáveis, exageradas na interpretação dos fatos e na reação a eles, buscando problemas em tudo, com ódio da sociedade, dos homens e de si mesmas. Uma imagem propícia a promover “lacração”, em suma.

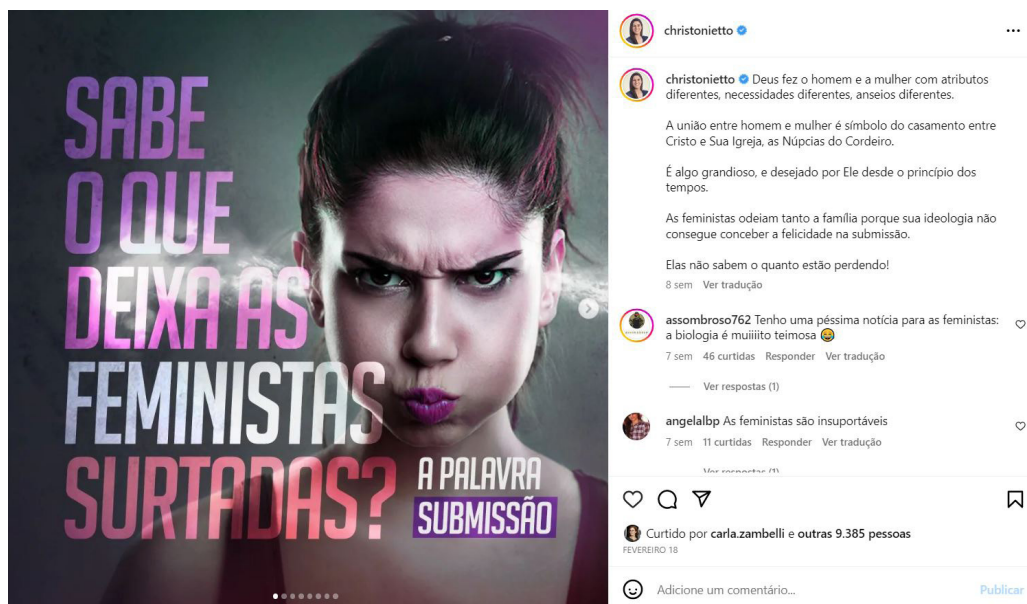


Figura 6. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 19 fev. 2023.

Mas os seis *cards* seguintes elaboram o ponto. Ela estabelece uma etimologia para a palavra “submissão”, que significaria “estar sob a mesma missão”, retirando

seu caráter hierárquico. A hierarquia volta em seguida, já que a autoridade do marido sobre a esposa (e sobre a família em geral) é apresentada como equivalente à de Cristo sobre a igreja. Mas aí o ponto já é basear a autoridade masculina em versículos bíblicos⁵. A legenda da postagem indica que o problema do feminismo é que “não consegue conceber a felicidade na submissão”. No penúltimo *card*, Tonietto dá um tom pessoal: “Fora de casa sou a deputada, mas dentro do meu lar sou esposa e mãe. Meu marido é a autoridade espiritual da casa e eu amo estar sob sua liderança!”⁶

É uma postagem significativa por muitos motivos. A defesa do arranjo matrimonial convencional parece pensada sob medida para ilustrar a ambiguidade que Carole Pateman (1988) identifica no contrato de casamento: a submissão da mulher é um imperativo natural (e divino), mas ao mesmo tempo precisa ser “livremente” escolhida por ela. Assim, a deputada se submete ao marido tanto por se tratar de uma obrigação, definida por Deus e expressa na *Bíblia*, quanto por “amar” a situação.

É também uma postagem que mostra como Tonietto usa uma linguagem próxima de meme, típica da lacração, e apela para o testemunho pessoal, que é um recurso para fornecer credibilidade e autenticidade ao discurso, mas mantém a formação como objetivo. Um público que já é inclinado ao antifeminismo é capturado pelo *card* inicial. Ela busca fornecer a esse público mais do que chavões; busca oferecer informações e argumentos que embasem seu discurso. É um esforço formativo – ainda que a “formação” oferecida seja errônea, falsa ou mitológica.

Tonietto tira mais dois pontos positivos de sua estratégia comunicacional de “exigir mais do seu seguidor”. Ao usar termos técnicos supostamente baseados em literatura, ela se coloca como uma “especialista”, diferente da grande maioria que só “lacr”, isto é, tem ganhos de credibilidade. Assim, ela consegue passar a mensagem de que não está apenas interessada em likes – oferece algo para o seu seguidor, mostrando que está verdadeiramente interessada na causa e, portanto, tem preocupações genuínas, ou seja, está trabalhando por um projeto, não por si mesma.

Um levantamento das 201 postagens de seu perfil no Instagram no primeiro semestre de 2023 revelou o predomínio do conteúdo formativo⁷. A “formação

5 Para uma discussão sobre o tema da submissão feminina na pregação político-religiosa cristã, mas tomando como caso a teologia protestante, cf. Colares (2023).

6 O tema é retomado em vídeo postado no dia 8 de março de 2023, em que Tonietto explica o sentido etimológico e bíblico de “submissão” e como eles definem a posição da mulher. Vídeo disponível em <https://www.instagram.com/p/CpiIqB9vDAP/>. Acesso em 23 ago. 2023.

7 O levantamento foi feito no mês de agosto de 2023. Há indícios de que algumas postagens foram apagadas – a partir da véspera do 8 de janeiro (dia da invasão às sedes dos poderes, em Brasília),

detalhada”, quando é desenvolvido algum argumento em defesa de determinada posição, alcança 31,4% do total; “formação leve”, com apresentação de informações para municiar o público, outros 27,6%; e mais 12,9% na categoria “formação religiosa”, com conteúdo catequético, em geral explicação de trechos da *Bíblia*. Ou seja, mais de 70% das postagens de Tonietto apresentam caráter formativo.

Trata-se de uma postura que singulariza o uso da rede pela agente política. Outro levantamento, com uma amostra não aleatória de 1.337 postagens de oito mulheres candidatas, nos doze meses que precederam as eleições de 2022, mostrou que Chris Tonietto, naquele período, foi a que mais investiu em formação, conteúdo presente em 59% de suas postagens – contra 33% das outras, em média⁸. É interessante observar que este esforço formativo é bem maior do que aquele registrado, por exemplo, por uma candidata como Sâmia Bonfim, cujas raízes políticas estão na esquerda leninista e que seria de esperar que se alinhasse à ideia de unir agitação e propaganda. No entanto, apenas 23% das postagens dela apresentaram caráter formativo (Fontenelle, 2023).

Seria necessário fazer uma pesquisa mais ampla, para não generalizar de forma abusiva. Ainda assim, é possível apresentar uma hipótese para o fenômeno. A esquerda vive um momento de refluxo diante de uma direita extremada, que alcançou grande sucesso na demarcação do debate público. Houve o avanço de um discurso ideológico antes marginalizado – defesa radical da “meritocracia” com recusa do valor da igualdade e repulsa à ideia de solidariedade; leitura dos direitos como privilégios a serem revogados; reabilitação do antifeminismo; defesa da liberdade de expressão como liberdade para discriminar; negacionismo científico. É difícil, neste contexto, que lideranças políticas de esquerda possam manter uma pauta focada. Devem se apresentar como porta-vozes de uma agenda diversificada, em favor da classe trabalhadora, das mulheres, das populações negra e indígena, da comunidade LGBT. Assim, o esforço de formação teria pequena possibilidade de êxito, já que se dispersaria por múltiplas questões.

Já Tonietto tem uma situação diversa. Embora toque eventualmente em outras pautas da direita, como antipetismo ou defesa do armamentismo, o foco de sua atuação é nítido: o combate ao feminismo e, dentro dele, a oposição ao direito ao aborto. Isto favorece o esforço de formação. Duas características da deputada também merecem atenção. A primeira é que ela é católica. A Igreja Católica, ao

a quantidade de publicações cai drasticamente. Entre 7 e 16 de janeiro, há apenas quatro postagens disponíveis, todas apresentando o “Evangelho do dia” (versículo da *Bíblia* comentado).

⁸ O período eleitoral tem uma proporção menor de postagens formativas porque muitas delas se limitam a anunciar ou noticiar eventos de campanha.

contrário das evangélicas, prefere que seus sacerdotes não concorram às eleições, optando por apoiar leigos vinculados a ela, e investe muito na formação acadêmica de seus quadros (Mariano, 2011). A segunda é que foi discípula de Olavo de Carvalho. Embora o pensamento do falecido influenciador digital seja desprovido de qualquer respeitabilidade no ambiente acadêmico, ele vendeu a ideia de que o militante de direita precisava se qualificar intelectualmente para enfrentar a pretensa hegemonia ideológica da esquerda.

Olavo de Carvalho foi grande responsável pela popularização no Brasil de uma das leituras mais descabidas do marxismo e, em particular, da obra de Antonio Gramsci. Nela, a noção de luta pela hegemonia perde qualquer complexidade e vira uma estratégia para chegar ao poder pela manipulação ideológica. Mas o olavismo incorpora a noção de disputa pela hegemonia e encara sua própria missão como contra-hegemônica. Os esforços formativos de Tonietto podem ser entendidos dentro desse enquadramento.

UMA AGENDA FOCADA

A agenda de Tonietto é focada. Quase metade de suas postagens no Instagram apresenta conteúdo antifeminista (Tabela 1, abaixo), superior à soma de todas as outras pautas da direita, como a defesa do armamentismo, a luta contra políticas de combate à desinformação nas redes ou críticas variadas ao presidente Lula e a seu governo. Cabe observar a baixa presença de postagens de “humanização”, isto é, voltadas a criar simpatia para uma agente política apresentada como “gente como a gente” – o que surpreende ainda mais quando se lembra que, no período sob análise, ela estava grávida e deu à luz um filho. É menor ainda a quantidade de publicações relativas a questões locais de sua base eleitoral, o Estado do Rio de Janeiro.

Tabela 1. Temas das postagens do perfil de Chris Tonietto no Instagram (primeiro semestre de 2023).

	Quantidade	%
Antifeminismo em geral	97	46,2%
Outras pautas gerais da direita	83	39,5%
Religião	39	18,6%
Pautas do momento	35	16,7%
Humanização	15	7,1%
Avisos e atividades do mandato	11	5,2%
Questões locais do rio	5	2,4%
Outras questões	13	6,2%
Total	210	

Obs. Eram possíveis respostas múltiplas. Fonte: os autores.

Na tabela, a categoria “pautas do momento” se refere a intervenções ligadas à agenda da mídia ou aos *trending topics* das redes sociais. Agentes políticos têm interesse em mostrar que estão atentos ao que interessa ao público, logo é natural que se posicionem sobre essas questões. Das “outras pautas da direita”, 37,3% das postagens de Tonietto têm como gatilho uma questão circunstancial – a visita de Maduro ao Brasil dá chance de formular um discurso anticomunista, a indicação de Cristiano Zanin para o Supremo Tribunal Federal permite criticar Lula, o projeto de lei contra as *fake news* é a chance de alertar para o risco de “censura” e assim por diante. Entre as postagens antifeministas, porém, apenas 5,2% usam como gancho algum assunto candente. A deputada não é pautada; muitas vezes, pelo contrário, tenta pautar sua temática (denunciando portarias e convênios do Ministério da Saúde, por exemplo). A ciência política usa a distinção entre ação parlamentar do tipo *fire alarm* (alarme de incêndio), em que o detentor de mandato reage a algum acontecimento, e *police patrol* (patrulha policial), em que ele realiza uma vigilância constante sobre determinadas questões (McCubbins e Schwartz, 1984). Fontenelle (2023), leva essas categorias para estratégias comunicacionais online e, no caso de Tonietto, as questões de gênero se enquadram com clareza no modelo *police patrol*.

Outro indício da prioridade temática é que 52,6% das postagens com conteúdo antifeminista têm caráter de formação detalhada; 88,7% apresentam algum tipo de formação. Nas outras postagens, apenas 13,3% investem em formação detalhada e 42,5% não têm nenhum sentido formativo. Tonietto, os dados mostram, é uma parlamentar imbuída de um senso de missão – e a missão é combater o feminismo.

A luta contra o aborto é, dentro da agenda mais ampla do antifeminismo, seu grande tema. Das 97 postagens antifeministas publicadas no primeiro semestre de 2023, 65 incluíam temática “pró-vida”, contra – por exemplo – 19 que focavam na pretensa “ideologia de gênero” ou 17 em defesa da família tradicional. De fato, a deputada posiciona feminismo e aborto como faces de uma mesma moeda. A defesa do direito de escolha das mulheres, para prosseguir ou não com uma gravidez, é apresentada como emblema máximo da perversidade do feminismo. Trata-se de uma construção ideológica que tem, como pilar central, a equivalência entre o “feminino” e a “maternidade”. Ao romper esta equivalência, fazendo da maternidade uma escolha, em vez de um destino, o feminismo destruiria a essência da mulher.

9 As postagens sobre questões do momentos realmente alcançam maior engajamento. A média curtidas, no perfil de Tonietto, é de 7.736, contra 5.058 das outras.

Em sua abordagem, Tonietto reforça o estereótipo materno, como exemplificado em uma postagem de Dia das Mães, em 2022 (Figura 7). Afirma que é através da maternidade que a mulher encontra sua condição mais bonita; que devemos nos espelhar no exemplo de Maria, modelo virtuoso de mãe. São percepções que ecoam as posições do catolicismo mais conservador e que foram codificadas no papado de João Paulo II, que reiterava que “a igualdade pretendida pelo feminismo representaria um rebaixamento da mulher, a perda de sua ‘dignidade extraordinária’ na condição de ‘especialista do amor’” (*apud* Miguel, 2016, p, 598). Ela termina a postagem parabenizando as mães que tanto sofrem. O núcleo da percepção convencional da maternidade, vinculada ao “mito do amor materno” (Badinter, [1980] 1985), é exatamente esse, fazer com que a mulher acredite que, mesmo com todos os dissabores da maternidade, é só através dela que conhecerá o amor e a felicidade verdadeiros.



Figura 7. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 8 mai. 2022.

A referência a Maria, frequente no discurso de Tonietto, é significativa. Trata-se, é claro, de uma maneira de reforçar sua identidade católica. Mas, sobretudo, ela encarna a redução da mulher à maternidade. “Modelo de virtude, amor e entrega”, como diz a deputada na legenda da postagem, seu lugar na mitologia cristã se deve exclusivamente ao papel de mãe. Maria mostra, assim, que ser mãe define a mulher. O feminismo, enfatizando outras dimensões e outros papéis que

as mulheres podem ocupar na sociedade, enfraquece ou mesmo nega essa equivalência. E o aborto voluntário, então, representaria uma abominação, pois nele uma mulher escolheria recusar seu destino natural e divino. As duas palavras operam, no universo mental de Tonietto, quase como sinônimos, já que, para ela, a natureza das coisas é a vontade de Deus em relação a elas.

Um longo vídeo, postado em outro Dia das Mães, sintetiza essa abordagem. Tonietto principia narrando sua primeira gravidez, interrompida espontaneamente com sete semanas – “um momento de luto, de dor e muita tristeza pra mim, pro meu marido, mas Deus sabe o que faz. Os seus planos, eles são insondáveis”. Logo em seguida, ela engravidou de novo. Ao descrever sua epifania (“desde aquele momento eu pude ver claramente que ser mãe é algo divino, é uma dádiva de Deus; não existe vínculo mais profundo e mais sagrado entre dois seres na terra do que entre uma mãe e os seus filhos”), ela alcança uma compreensão do funcionamento da família e dos papéis de gênero que os apresenta como imutáveis e, como era de se esperar, alinhados com o modelo patriarcal mais convencional:

Na família, cada um tem a sua função. O pai, ele é o provedor, é o protetor. A mãe, ela nutre, cuida, educa. Há uma tarefa pra cada um, há uma função pra cada um. Existe uma ordem natural em tudo e essa ordem, ela é belíssima. Ser mãe é participar dessa ordem, é participar da própria Criação¹⁰.

Essa vivência, prossegue a deputada, define a natureza de todas as mulheres. Ao que parece, para elas não há como escapar da maternidade, que há de ser vivida de maneira real ou por meio de sucedâneos:

Toda mulher, de alguma forma, ela é vocacionada à maternidade. Pode até não ser uma maternidade biológica, mas ela se realiza, né? É aquela que se realiza. É pelo gesto generoso da adoção ou mesmo aquela maternidade espiritual, que pode se realizar da forma mais sublime na vida religiosa, por exemplo¹¹.

Por mais natural e divino que seja a vocação da mulher para a maternidade, ele sofre com o avanço, na sociedade moderna, de perspectivas contrárias. O feminismo, então, aparece como o grande adversário a ser enfrentado:

10 O vídeo foi postado no perfil do Instagram de Chris Tonietto no dia 14 de maio de 2023. Está disponível em https://www.instagram.com/p/CsO_vSaJnrm/. Acesso em 21 ago. 2023.

11 Id., *ibid.*

Infelizmente, esse dom maravilhoso, ele às vezes alvo do ódio gratuito de muitos, que não conseguem compreender a sua beleza, a sua grandeza, a sua magnitude, porque estão cegos pelas suas próprias ideologias. Em apenas um século, a mulher, ela foi apresentada aos métodos contraceptivos, ela viveu aí décadas de revolução sexual, sofreu uma verdadeira lavagem cerebral nas mãos do movimento feminista e principalmente ela foi levada por muitos a [julgar] que esse vínculo sagrado da maternidade era uma espécie de fardo, de peso¹².

Enfim Tonietto assinalar que o Brasil é uma nação constituída como base nos “valores cristãos”, “que entende que o caminho pra felicidade está na família”, e que “a verdadeira felicidade da mulher” está na relação com os filhos. Longo para os padrões do Instagram (dura mais de 5 minutos), o vídeo usa o testemunho pessoal, recurso sempre eficaz para gerar engajamento na rede, mas consiste em claro manifesto político.

É digno de nota que Tonietto parta da pílula anticoncepcional (embora fale de “métodos contraceptivos” em geral, o contexto deixa claro que é das transformações comportamentais introduzidas pela pílula que ela se ocupa), o que a alinha à doutrina mais conservadora da Igreja Católica¹³. O caminho é claro: da pílula à revolução sexual, que abre para as mulheres as portas do hedonismo, afastando-as da felicidade marcada pela abnegação e pelo sacrifício, que é própria da maternidade, e daí para o aborto. O movimento feminista é o responsável por essas transformações, empurrando as mulheres para condutas que contrariam a vontade de Deus, isto é, a natureza.

Em sua cruzada contra o direito ao aborto, Tonietto não se nega a usar outros argumentos, entrando em polêmica direta com o discurso feminista. Rechaça a ideia de que o aborto é questão de saúde pública, por exemplo, afirmando que o objetivo das políticas públicas de saúde deve ser “combater a própria mortalidade, não provocar a morte de seres humanos, ainda mais os mais indefesos”¹⁴. Mas o

12 Id., *ibid.*

13 A encíclica papal *Humanae Vitae*, do papa Montini (Paulo VI), que estabeleceu a doutrina católica adversa à contracepção foi lançada em 1968, como resposta direta ao advento da pílula. O documento afirma que a única maneira moralmente aceitável para um casal evitar filhos é se abstendo de relações sexuais nos períodos férteis, o método popularmente conhecido como “tabelinha” (Alves e Cavenaghi, 2017). Sem alterar a doutrina, o papa Bergoglio (Francisco) tem sinalizado uma flexibilização, indicando o uso de anticoncepcionais como pecado venial, não mortal (Alves, 2016).

14 Vídeo no perfil do Instagram de Chris Tonietto, no dia 27 de março de 2023. Está disponível em <https://www.instagram.com/p/CqTFOerOptm/> Acesso em 23 ago. 2023.

eixo principal de seu ativismo está na ideia da vinculação necessária, de caráter natural e divino, entre a mulher e a maternidade, que o aborto subverte.

Outra postagem comemorativa do Dia Internacional da Mulher sintetiza esta abordagem (Figura 8). Na legenda, Tonietto incita seu público a fugir “dos estereótipos feministas e das ideologias da moda, que desejam nos afastar do lar, da família, e privar-nos de nossa delicadeza e feminilidade”. Depois de apresentar Maria como modelo, conclui: “Celebremos a beleza dos planos de Deus para nós, mulheres, e amemo-nos pelo que somos, tal como quis o Criador”. A questão central, que define a oposição ao feminismo, é garantir que as mulheres permaneçam vinculadas ao papel convencional que lhes é atribuído, que as define como seres humanos peculiares, que expressa uma intenção divina e que se cristaliza na maternidade como sacrifício e anulação de si.



Figura 8. Postagem de Chris Tonietto. Fonte: Instagram. Perfil de Chris Tonietto (@christonietto), 8 mar. 2023.

A oposição ao aborto é a pauta que Tonietto mais desenvolve, seguida da defesa da família tradicional e dos papéis feminino e masculino associados a ela. A preocupação com a temática da transgeneridade, que mobiliza tantos militantes da direita brasileira, é secundária. Ainda assim, quando trata do assunto, tende a dar maior profundidade: um exemplo é o vídeo de 14 de março de 2023, em que, diante de um Eduardo Bolsonaro algo aturdido, lê e comenta trechos da obra de Judith Butler.

Como outros parlamentares da extrema-direita, Tonietto se preocupou com iniciativas que visavam combater a propagação de mentiras nas redes sociais, como a criação de uma Procuradoria Nacional de Defesa da Democracia junto à Advocacia Geral da União (apelidada, pelos bolsonaristas, de “Ministério da Verdade”, em referência à distopia *1984*, de George Orwell), e o Projeto de Lei nº 2630, conhecido como “PL da *Fake News*”. Repetidas vezes, ela adota um tom apocalíptico, relacionando a pretensa censura a uma proibição do proselitismo religioso, em cenário de perseguição ao cristianismo em geral e à Igreja Católica em particular: “Sem dúvidas, estamos de volta à era dos mártires. Ainda não começou o derramamento de sangue, mas só Deus sabe o tempo que nos resta!”¹⁵ O pulo da “mordaca do politicamente correto”, à qual ela se refere em seguida, para a chacina dos cristãos não é explicado, mas fica evidente a intenção de promover o pânico entre os seguidores.

Desrespeito à liberdade de expressão e perseguição ao cristianismo seriam características não do governo Lula, em si, mas da esquerda em geral. Termos como “comunismo”, “socialismo”, “marxismo”, “petismo”, “esquerda” ou mesmo “Venezuela” são usados de maneira lassa, pela nova extrema-direita, para suscitar em seu público medos e antipatias difusos. Tonietto não se furta a essa regra, mas por vezes apresenta conteúdo mais elaborado.

Um vídeo postado em comemoração ao Dia do Trabalho é significativo. Na contramão do discurso hegemônico do bolsonarismo, a deputada elogia a legislação trabalhista existente no Brasil, é bem verdade que ignorando os retrocessos ocorridos a partir do golpe de 2016, e explicita seu alinhamento à doutrina social da Igreja. Fiel a essa doutrina, dirige sua fala à negação da ideia de luta de classes. A frase inicial resume seu ponto: “Todos nós somos trabalhadores”. Isso inclui as mulheres, mesmo quando desempenham suas tarefas no âmbito doméstico, um ponto que paradoxalmente a aproxima de muito do pensamento feminista contemporâneo. Mas o ponto, aqui, é a complementaridade de funções entre marido, que sustenta a família com o dinheiro, e mulher, que a sustenta “de dentro de casa”. Igualmente central é a percepção de que o trabalho “não é um conflito, não é uma luta de classes”, e sim “colaboração, amor”. Afinal, “o dono de uma empresa, ele também precisa trabalhar muito”. Além de precisar “investir muito dinheiro em seus projetos, ele ainda é responsável por cada um de seus funcionários”. Por isso, conclui Tonietto, é preciso abandonar o “espírito individualista que corrompe [...]”

15 Postagem no perfil do Instagram de Chris Tonietto no dia 4 de maio de 2023. Está disponível em <https://www.instagram.com/p/Cr1QlfTJWnx/>. Acesso em 22 ago. 2023.

a sociedade” e edificar “uma cultura onde as classes se respeitem e colaboram umas com as outras”¹⁶. Ou seja, entre trabalhadores e patrões, assim como entre mulheres e homens, deve imperar a harmonia nascida da consciência de que cada um está destinado a um determinado papel. Marxismo e feminismo são, cada um à sua maneira, instigadores de conflitos que não deveriam existir.

CONCLUSÕES

O antifeminismo, que dá à deputada Chris Tonietto sua identidade política, tornou-se uma das marcas da agitação da extrema-direita. Está presente no discurso de todas as suas lideranças, muitas vezes sob a forma da caricaturização da “feminista”, apresentada sempre como uma mulher masculinizada, agressiva e frustrada. As bandeiras do feminismo são apresentadas como danosas, mas também como inúteis – então ministra do governo Jair Bolsonaro, Damares Alves respondeu a uma pergunta sobre as lutas feministas com uma questão retórica: “Tem mulher mais empoderada no Brasil do que eu?” (*apud* Mendonça e Moura, 2021, p. 10). Há uma contradição implícita, na medida em que o “empoderamento” é exaltado, mas os movimentos que o proporcionam são condenados. A contradição, no entanto, é útil para a promoção do pânico moral, que é central para a mobilização da base social desta extrema-direita. Há um campo emaranhado de medos difusos, em que o feminismo se conecta com destruição da família, dissipação sexual, troca de sexos, rituais satânicos e promoção da pedofilia. É a “agenda moral” conservadora, baseada em fantasias sem embasamento na realidade.

Uma análise objetiva teria que reconhecer que o movimento feminista trouxe ganhos palpáveis para as mulheres – acesso à educação e a novas atividades profissionais, direitos políticos, direitos econômicos, reconhecimento de que a violência contra elas é condenável e deve ser coibida, maior controle sobre a própria vida, incluindo a sexualidade. Ao mesmo tempo, a igualdade reivindicada está longe de ser efetivamente alcançada. Por isso, ao discurso da extrema-direita interessa não combater o feminismo propriamente dito, mas o espantinho que ele mesmo constrói.

Tonietto se destaca pela relativa sofisticação com que se coloca. Seu recurso principal não é o estereótipo da feminista (ainda que não se furte a utilizá-lo). Ela busca elaborar argumentos que permitam refutar o núcleo do feminismo como corrente teórica e movimento político. Como costuma acontecer nas refutações do feminismo, a argumentação incorre em petição de princípio, já que sua base

16 Vídeo no perfil do Instagram de Chris Tonietto no dia 1º de maio de 2023. Está disponível em <https://www.instagram.com/p/CrtJBOEg446/>. Acesso em 23 ago. 2023.

é afirmar uma natureza da mulher que rechaça de antemão, como “antinatural”, qualquer evidência que a conteste. O fundamento é necessariamente religioso, o que Tonietto desvela com menos inibição do que muitos outros agentes políticos, mesmo entre aqueles situados à direita. A verdadeira natureza de qualquer ser é identificada para além de qualquer dúvida porque reflete uma vontade divina, expressa em textos sagrados e na palavra de seus mediadores e intérpretes autorizados.

Na oposição ao direito ao aborto, a deputada exhibe com clareza suas estratégias discursivas. A definição do aborto como “assassinato intrauterino”, comum à retórica dos militantes “pró-vida”, passa necessariamente por produzir uma equivalência entre um feto ou um embrião e uma criança. É uma equivalência que não se sustenta cientificamente e muito menos nas práticas sociais (cf. Yishai, 1993; Cohen, 1997; Dworkin, [1993] 2003; Boltanski, 2004; Kaplan, 2008). A interrupção da gravidez nas primeiras 20 semanas, de forma espontânea, é algo corriqueiro. Uma pesquisa indicou que 14% das mulheres brasileiras reportaram já ter sofrido aborto involuntário (Benute et al., 2010), proporção que certamente é muito maior, já que frequentemente o abortamento ocorre antes de que a gestação seja percebida e é confundido com algum outro sangramento. Pela tese da “defesa da vida desde a concepção”, cada evento destes teria que ser vivido como uma perda devastadora e a sociedade deveria envidar todos os esforços para garantir que qualquer óvulo inseminado chegasse ao parto. A própria Tonietto, ao falar de sua primeira gestação, que não chegou a bom termo, demonstra algum padecimento, mas nada que se compare a uma mãe enlutada.

Assim, em que pese toda a busca de argumentos científicos, a justificativa principal é de caráter religioso. A vida humana nasce da concepção porque é fruto do sopro de Deus, que insufla a alma no zigoto. E só Deus pode retirar a vida que ele mesmo forneceu. Sem discutir os meandros teológicos desta posição¹⁷, ela é inadmissível como fundamento para tomada de posição sobre lei ou política pública em um Estado laico.

A análise do uso do Instagram por Chris Tonietto mostra que ela usa seu mandato parlamentar com o objetivo, não exclusivo, mas importante, de formar ideologicamente sua base. Trata-se de uma característica de parte da nova extrema-direita, aquela que apresenta Antonio Gramsci como arqui-inimigo, mas que

17 Para uma história da evolução da discussão sobre o aborto dentro da Igreja Católica, ver Noonan Jr. (1967).

absorveu suas lições sobre a necessidade de conquistar a hegemonia – e como a disputa por valores e por representações do mundo social é central nesse processo.

Os argumentos antifeministas de Tonietto são primários; o efeito de verdade que produzem em parte do público depende por inteiro da sintonia com o senso comum nascido exatamente do enraizamento dos estereótipos de gênero. Mas, muitas vezes, os grupos progressistas em geral e feministas em particular insistem em abordagens que pecam em sentidos opostos – seja relegando a segundo plano o esforço de formação intelectual da militância, em favor de slogans e memes que apenas falam aos já convertidos, seja não abrindo mão de minúcias de seus embates internos e alienando o grande público de seu discurso. Mas é urgente fazer esse enfrentamento, a fim de garantir os direitos das mulheres, avanços na construção de uma ordem mais igualitária e mesmo a sobrevivência da ordem democrática no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, José Eustáquio Diniz. (2016), “A doutrina da igreja católica, o papa Francisco e o direito à contracepção”. *Sexuality Policy Watch*, online, 5 de março. Disponível em <https://sxpolitics.org/ptbr/a-doutrina-da-igreja-catolica-o-papa-francisco-e-o-direito-a-contracepcao/5921>. Acesso em 21 ago. 2023.
- ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana. (2017), “Igreja Católica, direitos reprodutivos e direitos ambientais”. *Horizontes*, nº 47, 2017, pp. 736-769.
- ANSARI, Humayun; HAFEZ, Farid (2012). “Islamophobia: an introduction”. In: ANSARI, Humayun; HAFEZ, Farid (eds.), *From the far right to the mainstream: Islamophobia in party politics and the media*. Frankfurt: Campus Verlag.
- BADINTER, Elisabeth. ([1980] 1985), *Um amor conquistado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BENUTE, Gláucia Rosana Guerra et al. (2010), “Abortamento espontâneo e provocado”. *Revista da Associação Médica Brasileira*, vol. 55, nº 3, p. 322-7.
- BITTENCOURT, Renato Nunes. (2021), “Moralidade líquida, lacração e cultura do cancelamento”. *Cadernos Zygmunt Bauman*, nº 27, p. 212-229.
- BLAIS, Melissa; DUPUIS-DERI, Francis (2012). “Masculinism and the antifeminist countermovement”. *Journal of Social, Cultural and Political Protest*, vol. 11, nº1, p. 21-39.
- BOLTANSKI, Luc. (2004), *La condition foetale*. Paris: Gallimard.
- CESARINO, Leticia. (2022), “Tropical Trump”. In: GOLDSTEIN, Donna B.; DRYBREAD, Kristen (eds.). *Corruption and illiberal politics in the Trump era*. New York: Routledge.

- COHEN, Jean L. (1997), “Rethinking privacy: autonomy, identity, and the abortion controversy”. In: WEINTRAUB, Jeff; KUMAR, Krishan (eds.). *Public and private in thought and practice*. Chicago: The University of Chicago Press.
- COLARES, Karen (2023). *Efésios 5,21-33: análise ético-feminista da retórica de submissão da mulher nas obras da Editora Fiel*. Tese de doutorado em Teologia. Belo Horizonte: FAJE.
- DOUGLAS, J. Susan; MICHAELS, W. Meredith. (2007). “The new momism”. In: O’REILLY, Andrea (ed.). *Maternal theory: essential readings*. Toronto: Demeter Press.
- DWORKIN, Ronald. ([1993] 2003), *Domínio da vida*. São Paulo: Martins Fontes.
- FALUDI, Susan (1991). *Backlash: the undeclared war against American women*. New York: Crown.
- FONTENELLE, Alana. (2023), *A maternidade é política: mobilização da maternidade por candidatas no Instagram (2021-2022)*. Tese (doutorado em Ciência Política). Brasília: Universidade de Brasília.
- HIMMELSTEIN, Jerome (1986). “The social basis of antifeminism: religious networks and culture”. *Journal for the Scientific Study of Religion*, vol. 25, nº. 1, p. 1-15.
- KAPLAN, Francis. (2008), *L’embryon est-il un être vivant?* Paris: Le Félin.
- KALM, Sara; MEEUWISSE, Anna (2023). “The moral dimension of countermovements: the case of anti-feminism”. In: SEVELSTED, Anders; TOUBØL, Jonas (eds.), *The power of morality in movements: civic engagement in climate justice, human rights, and democracy*. Cham: Springer.
- LÊNIN, Vladimir I. (1978), *Que fazer?* São Paulo: Hucitec.
- LINDSAY, Angus (2022). “Swallowing the black pill: involuntary celibates’ (Incels) anti-feminism within digital society”. *International Journal for Crime, Justice and Social Democracy*, vol. 11, nº 1, p. 210-24.
- MANSBRIDGE, Jane; SHAMES, Shauna L. (2008). “Toward a theory of backlash: dynamic resistance and the central role of power”. *Politics & Gender*, vol. 6, nº 2, p. 623-34.
- MARIANO, Ricardo. (2011), “Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública”. *Civitas*, vol. 11, nº 2, p. 236-58.
- McCUBBINS, Mathew D.; SCHWARTZ, Thomas. (1984), “Congressional oversight overlooked”. *American Journal of Political Science*, vol. 28, nº 1, p. 165-179.
- MENDONÇA, Amanda; MOURA, Fernanda. (2021), “Mais empoderada que eu? Antifeminismo e desdemocratização no Brasil atual”. *Communitas*, nº 9, p. 9-23.
- MIGUEL, Luis Felipe. (2016), “Da ‘doutrinação marxista’ à ‘ideologia de gênero’”. *Direito & Práxis*, nº 15, p. 590-621
- MIGUEL, Luis Felipe. (2021), “O mito da ‘ideologia de gênero’ no discurso da extrema-direita brasileira”. *Cadernos Pagu*, nº 62, pp. 1-14.

- MIGUEL, Luis Felipe. (2022), *Democracia na periferia capitalista*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MIGUEL, Luis Felipe. BIROLI, Flávia; MARIANO, Rayani. (2017), “O direito ao aborto no debate legislativo brasileiro”. *Opinião Pública*, vol. 23, nº 1, pp. 230-60.
- MUDDE, Cas (2019). *The far right today*. London: Polity Press.
- NOONAN Jr., John T. (1967), “Abortion and the Catholic Church”. *Natural Law Forum*, nº 126, p. 85-131.
- PATEMAN, Carole. (1988), *The sexual contract*. Stanford: Stanford University Press.
- PHILLIPS, Anne. (1995). *The politics of presence*. Oxford: Oxford University Press.
- SANDERS, Rebecca; JENKINS, Laura Dudley (2002). “Control, alt, delete: patriarchal populist attacks on international women’s rights”. *Global Constitutionalism*, vol. 11, nº 3, p. 401-29.
- SEMÁN, Pablo (2023). “La piedra en el espejo de la ilusión progresista”. In: SEMÁN, Pablo (coord.), *Está entre nosotros*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno.
- SEMPRE FAMÍLIA. (2018), “Quem é Chris Tonietto, a jovem católica que já enfrentou um ministro do STF e chega à Câmara em 2019”. *Sempre Família*, online, 6 de novembro. Disponível em <https://www.semprefamilia.com.br/blogs/blog-da-vida/quem-e-chris-tonietto-a-jovem-catolica-que-ja-enfrentou-um-ministro-do-stf-e- chega-a-camara-em-2019>. Acesso em 3 abr. 2023.
- YISHAI, Yael. (1993), “Public ideas and public policy”. *Comparative Politics*, vol. 25, nº 2, pp. 207-28.